

PARTICIPACIONISMO NO PENSAMENTO DE MONTORO

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 16.02.1982

O participacionismo democrático que o senador Franco Montoro vem defendendo é em última análise uma visão política de centro-esquerda, com profundas raízes na doutrina social da Igreja e na esperança de uma terceira via entre o capitalismo e o estatismo.

Na recente série de entrevistas através da qual esta Folha procurou levantar as opiniões dos diversos candidatos ao governo do Estado, a nitidez das respostas do senador Franco Montoro, especialmente no que diz respeito a uma política econômica alternativa, que garanta emprego e distribuição de renda, contrastou com as respostas genéricas dos demais candidatos.

A primeira pergunta da série, entretanto, solicitava dos candidatos uma definição ideológica em termos de esquerda ou direita. Lula foi direto: declarou-se de esquerda. Reynaldo e Natel declararam-se democratas e de centro. Ora, o centro não existe. É uma ficção da direita. Ou alguém está mais do lado dos trabalhadores do que dos capitalistas, e então será de extrema-esquerda, de esquerda ou de centro-esquerda; ou está mais do lado dos capitalistas, e nesse caso será de centro-direita, direita, ou extrema-direita. Os compromissos dos candidatos do PDS com o regime autoritário, capitalista-tecnoburocrático, não deixam qualquer dúvida. São homens de direita.

Já o senador Franco Montoro evitou classificar-se em termos de esquerda e direita e preferiu declarar-se um “democrata-participativo”. E definiu essa democracia participativa em termos não apenas do liberalismo político clássico, mas também de liberdade sindical, acesso equitativo aos bens materiais, descentralização radical do poder, e participação efetiva das comunidades nas tomadas de decisão de caráter político.

Esse comunitarismo participativo do Senador Franco Montoro não é uma idéia que ele inventou ontem, para justificar sua candidatura, mas uma concepção da vida social e

política que ele vem defendendo há muitos anos, através de discursos, artigos, projetos de lei. É preciso tentar entender o seu real significado.

Não se trata evidentemente de uma proposta socialista, embora possam se ver nela claros elementos social-democratas. Na verdade é uma democracia-cristã de esquerda. Ora, como a democracia-cristã tem sido historicamente um fenômeno político de direita, a democracia-cristã de esquerda do Senador Franco Montoro acaba, no espectro político geral, definindo-se como de centro-esquerda.

Essa visão tem profundas raízes na doutrina social da Igreja, que recusa o capitalismo e o socialismo, e busca uma terceira via. A idéia de uma terceira via foi no passado muito criticada pelos socialistas, mas se pensarmos que o socialismo criticado pela Igreja é na verdade o estatismo ou “socialismo-estatal”, que elimina a propriedade privada dos meios de produção para tudo submeter a uma tecnoburocracia estatal, então esta terceira via volta a fazer sentido, especialmente depois do fracasso do estatismo em assegurar a democracia.

A terceira via compreende todas as visões da sociedade baseadas na auto-gestão ou na participação dos trabalhadores. É a verdadeira via socialista, muito diversa da via estatal. Mas quando o participacionismo comunitário é muito gradual, como é o caso da proposta do Senador Franco Montoro, não chegando a mexer senão a longo prazo com a estrutura básica da sociedade, deixa de poder ser chamado socialista.

O importante é que o participacionismo comunitário defendido pelo Senador Franco Montoro é algo real, intrínseco à sua formação política, e que ele terá condições de testar na prática quando chegar ao Governo. É um participacionismo municipalista, distrital, de bairro. É um participacionismo baseado na descentralização política e financeira do Estado. É um participacionismo que parte da crença de que as comunidades locais são capazes de assumir responsabilidades políticas e econômicas muito maiores do que têm hoje no Brasil.

É uma experiência que foi tentada com êxito na democracia-cristã de Eduardo Frei. Não é socialista, mas é de centro-esquerda. E sem dúvida é uma das bases de qualquer processo de democratização real da sociedade.(16/02)